

Basilica e palacio de Mafra

Posto que d'este sumptuoso monumento haja muitos desenhos e gravuras, pareceu-nos opportuno juntar uma boa estampa do exterior, ás gravuras das estatuas e baixos-relevos do interior, que já começámos a publicar [1] e continuaremos, visto que hoje, por meio da photographia, se podem reproduzir fielmente, e quasi todas estas esculpturas estão inéditas.

A Batalha e Mafra, dois typos, um da architectura gothica outro da italiana, o primeiro erigido no seculo XIV, o segundo no seculo XVIII, tem, não obstante, uma origem commum — nasceram ambos de um voto religioso.

D. João I fundou o convento da Batalha porque assim o tinha promettido a Santa Maria da Victoria se vencesse a memoravel batalha de Aljubarrota; D. João V edificou a basilica de Mafra em cumprimento de uma promessa feita a Santo Antonio de Lisboa, se lhe désse successão á coroa.

Em ambos os votos estão caracterisadas as duas épocas, e na architectura a significação social d'estes dois monumentos.

Já os acareou e sentenciou um grande julgador historico, A. Herculano, n'estas memorandas palavras:

«Collocae pela imaginação Mafra ao pé da Batalha, e podereis entender quanto é clara e precisa a linguagem d'estas chronicas, lidas de poucos, em que as gerações escrevem mysteriosamente a historia do seu viver. A Batalha é grave como o vulto homerico de D. João I, poetica e altiva como os cavalleiros da ala de Mem Rodrigues; religiosa, tranquilla, santa como D. Philippa rodeada dos seus cinco filhos. As mãos que edificaram Santa Maria da Victoria, meneando as armas em Aljubarrota, deviam ser vencedoras. A Batalha representa uma geração energica, moral, crente: Mafra uma geração afeminada, que se finge forte e grande. A Batalha é um poema de pedra: Mafra uma semsaboria de marmore. Ambas eccos perennes que repercutem, nos seculos que vão passando, a expressão complexa, e todavia clara e exacta, de duas epochas historicas do mesmo povo, sua juventude viçosa e robusta, e sua velhice cachetica.»

O nosso intento porém, agora, é apenas darmos um resumo descriptivo do edificio.

Na villa de Mafra, a cinco legoas de Lisboa, e n'um espaçoso terreno que fica a 224 metros sobre o nivel do mar, se ergue a grandiosa basilica, cujo plano fórma um quadrado regular de 245 metros por lado. A fachada principal, que olha ao poente, é dividida em tres corpos; o do meio é o templo, o do sul é a denominada residencia da rainha, o do norte é a chamada residencia do rei, ambas de quatro pavimentos, que rematam em espaçosos terraços, sobre os quaes assentam dois magnificos torreões de cantaria optimamente lavrada, que sobem uns 25 metros acima do plano dos terraços.

Além d'estes torreões que ficam nos angulos extremos da frontaria, sobre a platabanda se elevam o magestoso zimborio, e as duas torres lateraes da egreja. Estas são de elegante fabrica, todas de can-

[1] Vid. os n. 3, 5 e 17 do antecedente volume.

taria, e de 44 metros de altura, terminando n'uma cruz de ferro que pesa 3326 kilogrammas.

O zimborio, audaciosa imitação da celebre cúpula de S. Pedro de Roma, é, como esta, dobrado, que vem a ser duas cúpulas concentricas, com escadaria entre ambas, por onde se sóbe á varanda que circula o zimborio pela parte de fóra, e da qual se goza a mais dilatada e deliciosa vista, tanto do campo como do mar, que lhe não fica longe.

Este zimborio é o que mais realça a perspectiva da real basilica de Mafra, porque se arroja ás nuvens entre as alterosas torres dos sinos, coroado por uma respeitavel cruz de bronze que pesa 5000 kilogrammas.

Dá accesso para este monumental cenobio e palacio, uma rampa embrexada de seixos brancos e pretos, que termina n'um terreiro onde começa o lanço de escadaria que dá ingresso ao atrio ou vestibulo, abobadado de marmores, e o pavimento lageado em xadrez. Seis columnas de 9 metros de alto, entre a base e o capitel, que sustentam a tribuna da casa da *Benedictione*, formam o portico, adornado com 58 estatuas colossaes de marmore, que representam os fundadores das ordens religiosas. A tribuna tem tres janellas; aos lados da do meio vêem-se as estatuas de S. Domingos e de S. Francisco; e por baixo, sobre o frontão do portico, as de Santa Clara e Santa Isabel da Hungria; na cimalha, sobre uma grande placa oval de marmore, estão esculpidas, em baixo-relevo, as imagens da Virgem Maria e de Santo Antonio, oragos do convento.

O risco primitivo não foi o que ora admirâmos. D. João v tinha promettido fazer um convento para uns 13 frades arrabidos, depois passou a 40 e ultimamente assentou em 80. E para este computo se começou a edificação.

Já havia muita obra feita, quando o architecto allemão, João Frederico Ludovice, apresentou a el-rei um plano vastissimo, que não só comprehendia o convento, mas um palacio tal qual hoje vemos.

D. João v, que em tudo queria rivalisar com o grande Luiz xiv de França, seu contemporaneo, aceitou logo o plano que lhe enchia as medidas de querer tambem possuir um Louvre em Portugal. Para levar a effeito tão grandiosa fabrica, foi necessario alargar os limites da que estava começada, desfazendo-se tudo, para rebaixar um monte e um rochedo da parte do sul. Só n'esta obra se gastaram 80 mil cruzados por mez, trabalhando n'ella 5 mil obreiros e 500 cavalgaduras, dispendendo-se por dia 30 arrobas de polvora para arrasar o rochedo.

A 17 de novembro de 1717 se lançou a primeira pedra, com tal solemnidade e fausto, que logo n'esta primeira ceremonia se gastaram 200 mil cruzados, porque o rei não só deu banquete a toda a corte e convidados, mas comida franca aos operarios.

Durou treze annos a construcção do convento de Mafra, trabalhando diariamente de 20 a 25 mil homens, e 1280 bois a carrear pedra.

Este numero porém augmentava quando se queria dar maior impulso á obra; e posto que não haja noticia authentica das folhas respectivas, diz o auctor do *Gabinete Historico*, que pelos roes de junho a outubro de 1730, consta que estavam matriculadas nas differentes repartições das obras de Mafra, 45 mil pessoas, entrando n'este numero 7.000 soldados de todas as armas, que além do seu soldo venciam 150 réis por dia.

Sabe-se que para esta obra se recrutavam os officiaes e trabalhadores como para uma guerra; que se apenavam carros, cavalgaduras e materiaes; que em fim se fizeram todos os vexames a que um povo está sujeito no governo absoluto. Como o rei desejava concluir esta obra no seu reinado, os cortezãos e todas as auctoridades territoriaes se empenhavam em lhe agradar, fazendo as violencias que bem se podem conjecturar, á vista de tantos mil homens accumulados n'uma villa agreste, onde adoeciam aos centenares, e a tal ponto que foi necessario fazer-se alli um hospital de oito enfermarias, com camas para 335 doentes; e duas com 240 leitos para os convalescentes. Tambem não ficou memoria dos que alli falleceram, nem dos que enfermaram durante a obra; apenas consta que nos cinco annos que decorreram de 1729 a 1733 entraram no hospital 17:097 doentes! E note-se que quasi todos estes são posteriores á sagração do templo, em 1730, quando o convento e palacio estavam já habitaveis; continuando porém outras obras externas, que se deram por arrematação, pagando o rei uma consignação semanal de 50 mil cruzados.

Da magnificencia artistica do interior da egreja já temos fallado, e fallaremos ainda quando dermos mais algumas gravuras das suas estatuas e baixos-relevos.

Mas não omittiremos a noticia dos carrilhões, tão celebrados por nacionaes e estrangeiros.

Cada torre tem 57 sinos dispostos pela ordem seguinte.

O sino das horas, que está suspenso de uma trave de ferro de 4 metros de comprido, dividindo ao meio o alto da torre; pesa este sino 11748 kilogr., e o martello 293. Logo por baixo ha um andaime de grossas traves de madeira, chapeadas de ferro, e forradas de chumbo, que sustenta a trave d'onde pendem os dois sinos dos quartos. Cada qual tem seu martello proporcionado. Puxam por estes martellos tres grossos fios de arame, que atravessam os andares das torres, e acabam no ultimo, onde todos se prendem no jogo dos relogios. Por baixo dos sinos dos quartos ha mais seis mettidos em quatro ventanas; os fios de arame que puxam os tres martellos das horas e dos quartos passam junto ao angulo da torre, distando mais de 1 metro dos sinos que lhes ficam ao lado. Os nove sinos d'este andar superior de cada torre, com as traves, chapa, cruz e ornatos pesam 66194 kilogr. de metal.

O segundo andar é um tecido complicadissimo de sinos, badalos, martellos e arames. Como já dissemos, os sinos ao todo são 48, distribuidos pelas ventanas. O maior pesa 7742 kilogrammas; os mais vão diminuindo gradualmente em peso e volume, segundo é preciso para produzirem a consonancia quando tocam os relogios e os carrilhões, cujos differentes jogos prendem muitos arames de latão de varia grossura, que puxam pelos badalos e pelos martellos na devida proporção do seu peso. Os d'este andar, com suas ferragens, 144 martellos, mais de 200 arames, infinidade de molas e chapas, pesam 102816 kilogrammas. De todos estes martellos descem os arames que vem prender nos papagaios ou teclas do jogo dos relogios, os quaes assentam no andar inferior das torres ao nivel dos terraços.

Este jogo, todo de bronze, aço e ferro, quanto mais se examina mais se admira, até pela magnifica superfluidade de sua riqueza e ornatos, diz o academico D. Joaquim da Assumpção Velho, a quem estamos extractando.

Toda esta machina se move com tres enormes pesos de chumbo, equivalentes a 9424 kilogrammas, os quaes puxam tres grossos calabres de canhamo, descendo por duas calhas até ao pavimento da torre. O peso de metal que supporta o ultimo andar, calcula-se em 44040 kilogrammas. D'onde se segue que cada torre encerra 213050 kilogrammas de metal.

Os carrilhões das duas torres, antes do relogio dar as horas ou os quartos, tocam minuetes e outras harmonias por solfa, de optimo effeito.

Toda esta peça veiu de Liege, onde foi feita, e consta que, com o transporte e collocação, importou em 3 milhões de cruzados.

No tempo dos frades havia vinte e quatro donatos exclusivamente destinados para os toques dos carrilhões, dirigidos por um leigo relojoeiro.

Para concluirmos esta succinta descripção da grande basilica, diremos que tem 886 salas e quartos, 5:200 portas e janellas; e que custou 48 milhões de cruzados!

COMO SE MORRE PARA O MUNDO

I

O celebre pintor flamengo Pedro Paulo Rubens, percorrendo um dia os templos de Madrid acompanhado de seus afamados discipulos, entrou na egreja de um mesquinho convento, cujo nome a tradição nos não designa.

Quasi nada encontrou que admirar o grande artista n'aquelle pobre e arruinado templo; mas saindo para continuar as suas investigações, descobriu um quadro meio occulto nas sombras de uma capella: approximou-se d'elle e soltou um grito de espanto. Os seus discipulos cercaram-n'o e perguntaram-lhe:

— Que descobriu, mestre?

— Olhem! — disse Rubens apontando para o quadro, por unica resposta.

Os discipulos ficaram tão maravilhados como o auctor do *Descimento*.

O quadro representava a morte de um religioso ainda moço, e de tal belleza que a penitencia e agonia não haviam podido apagar.

Achava-se estendido nos ladrilhos da sua cella, velados já os olhos pela morte, com a mão esquerda estendida sobre uma caveira, e abraçando com a outra junto ao coração um crucifixo de madeira e cobre.

No fundo descobria-se outro quadro, que figurava estar suspenso da parede da cella, por cima do leito d'onde indubitavelmente descêra o frade para morrer com mais humildade na dura terra.

Este segundo quadro representava uma mulher, tambem moça e formosa, porém egualmente morta, e estendida n'um ataúde entre funeraes tocheiros e luxuarios crepes.

Ninguem poderia olhar estas duas scenas, contidas uma na outra, sem comprehender que se explicavam e completavam reciprocamente. Um amor desgraçado, uma mulher morta, um desengano da vida, um esquecimento eterno do mundo — eis o mysterioso drama desenhado nos dois quadros que encerrava aquella pintura.

Além d'isso, a composição, o desenho e o colorido, revelavam um genio de primeira ordem.

O pasmo de Rubens era cada vez maior.

— Mestre, de quem será esta magnifica obra? — perguntaram a Rubens os discipulos que já tinham visto o quadro.

— N'este angulo houve um nome escripto — respondeu o mestre; — ha poucos mezes, porém, que foi riscado. Em quanto á pintura, não tem mais de trinta annos nem menos de vinte.

— O auctor...

— O auctor, pelo merito do quadro, podia ser Velasquez, Zurbaran, Ribera ou Murillo. [1] Não é Zurbaran, se se attender á cor, e ao modo de ver o assumpto. Tambem não deve attribuir-se a Murillo nem a Ribera; aquelle é mais terno e este é mais sombrio; além d'isso, não pertence ás suas escholas. Em summa, não conheço o auctor do quadro, e até juraria que nunca vi trabalhos seus. Vou mais longe: creio que o pintor desconhecido que legou ao mundo esta obra primorosa, não pertenceu a nenhuma eschola, nem pintou outro quadro além d'este, nem teria podido pintal-o de modo que se lhe approximasse em merito, apesar do genio que n'elle se revela. É esta uma obra de pura inspiração, um assumpto proprio, um reflexo da alma, a copia da vida... Querem saber quem pintou este quadro? Pintou-o, sem duvida, o proprio morto que n'elle vêem!

— Engana-se, mestre.

— Não; bem me entendo.

— Como julga que um defuncto haja podido pintar a sua vida?

— Julgando que um vivo póde pintar a sua morte.

— Acredita-o?

— Creio que aquella mulher que está no fundo do quadro, era a alma e a vida do frade morto no chão; creio que quando ella morreu, tambem elle se julgou morto, e morreu effectivamente para o mundo; creio, em fim, que esta obra, mais que o ultimo instante de seu heroe ou de seu auctor, que é indubitavelmente a mesma pessoa, representa a profissão de um mancebo desenganado da vida.

— De qualquer modo...

— De qualquer modo o assumpto ha de ter data, e o esquecimento ou o tempo cura tudo. Necessitâmos de procurar o desconhecido artista, e saber se chegou a executar outras obras.

II

Fallando d'esta fórma, Rubens dirigiu-se a um frade que rezava na capella-mór, e disse-lhe com a sua habitual jovialidade.

— Terá a bondade de annunciar ao padre prior que quero fallar-lhe da parte del-rei?

O frade, que era homem de avançados annos, levantou-se penosamente, e respondeu com voz humilde e quebrantada:

— Que me quereis? O prior sou eu.

— Perdoae, meu padre, replicou Rubens, que interrompa as suas orações. Poderia dizer-me quem é o auctor d'aquelle quadro?

— D'aquelle quadro? — repetiu o religioso. Não me recordo.

— Como? Soube-o já e esqueceu-o?

— Sim, meu filho; esqueci-o completamente.

— Pois, meu padre — disse Rubens com ar zombeteiro e de mau humor — tem fraca memoria!

O prior tornou-se a ajoelhar.

— Venho em nome del-rei! — gritou Rubens emphaticamente.

— Que mais determina, meu irmão? — murmurou o frade erguendo tranquillamente a cabeça.

— Comprar-lhe este quadro.

— Esse quadro não se vende.

— Muito bem: necessito então saber onde encontrarei o auctor.

— Tambem é impossivel. O auctor já não está n'este mundo.

— Morreu! — exclamou Rubens com desesperação.

— O mestre dizia bem, — murmurou um dos moços discipulos; — o quadro está pintado por um defuncto...

— Morreu! — repetiu Rubens; — e ninguem o conheceu! esqueceram-lhe o nome! Um nome que devia ser immortal! Um nome que teria eclypsado o meu. Sim, *o meu*... padre! — acrescentou o artista com honroso orgulho — porque eu sou Pedro Paulo Rubens!

A este nome glorioso, que nenhum homem consa-

[1] Velasquez, Zurbaran, Ribera e Murillo, são os quatro mais famosos pintores hespanhoes contemporaneos de Rubens (seculo XVII).

grado a Deus podia desconhecer, por andar ligado a cem quadros mysticos, que eram verdadeiras maravilhas da arte, o rosto macilento do prior córou subitamente, e elle, erguendo os amortecidos olhos, fitou-os no semblante do flamengo com tanta veneração como prudencia.

— Ah! conhecia-me! — exclamou Rubens com infantil satisfação. Avalio-o do intimo d'alma. D'esse modo será menos prior e menos frade commigo. Ora, vamos... Vende-me o quadro?

— É impossivel; — respondeu o prior.

— Muito bem; sabe de alguma outra obra d'esse genio mallogrado? Não se poderá lembrar do nome d'elle? Quer dizer-me quando morreu?

— Não me comprehendeu, penso, — replicou o frade. — Disse-lhe que o auctor d'essa pintura não pertencia ao mundo; porém não quiz dizer-lhe que tivesse morrido.

— Vive! vive! — exclamaram todos os pintores. — Faça que o conheçamos!

— Para que? O infeliz renunciou tudo da terra; nada tem que ver com os homens... Nada!

— Oh! — disse Rubens com exaltação — isso não póde ser, meu padre! Quando Deus accende na alma o fogo sagrado do genio, não é para que essa alma se sepulte na obscuridade, senão para que cumpra a missão sublime de illuminar a alma dos outros homens. Indique-me o convento em que se occulta o grande artista, eu irei buscal-o, e restituil-o-hei á sociedade. Quanta gloria o não espera!

— Mas... se elle a recusar? — perguntou o prior.

— Se a recusar supplicarei ao papa, com cuja amizade me honro, e o papa o convencerá melhor que eu.

— O papa! — repetiu o prior.

— Sim, padre; o papa, — tornou Rubens.

— Veja que não lhe diria o nome do pintor, ainda que me lembrasse d'elle; veja que não lhe direi o convento em que se refugiou.

— Não tem duvida, padre; o rei e o papa o obrigarão a dizer — respondeu Rubens grosseiramente.

— Não faça tal! — exclamou o frade. Andaria bem mal, senhor Rubens! Leve o quadro, se quizer; porém deixe tranquillo o que repousa. Fallo-lhe em nome de Deus! Sim, eu conheci, amei, consolei, resgatei, salvei de entre as ondas da sociedade, naufrago e agonisante, esse grande homem, como diz, esse desgraçado e cego mortal, como lhe chamo; esquecido hontem de Deus e de si proprio, hoje proximo da suprema felicidade. A gloria! Conhece outra maior do que essa a que elle aspira? Com que direito quer resuscitar-lhe n'alma o fogo fatuo das vaidades mundanas, quando lhe arde no coração o facho inextinguivel da caridade? Julga que esse homem, antes de se apartar do mundo, antes de renunciar a riqueza, a fama, o poder, a mocidade, o amor, tudo, em fim, quanto desvanece os mortaes, não terá sustentado grave lucta com o seu coração? E quererá trazel-o de novo á peleja quando já triumphou? Não adivinha, de certo, senhor Rubens, os desenganos, os pezares, as amarguras que lhe acarretaria o conhecimento da verdade das coisas humanas?

— Isso é renunciar a immortalidade! — gritou Rubens.

— Não, é aspirar a ella.

— E com que direito se interpõe entre esse homem e o mundo? Deixe que lhe falle, e elle decidirá.

— Faço-o com o direito de um irmão primogenito, de um mestre, de um pae, que tudo isto sou para elle. Faço-o em nome de Deus, tornou a dizer-lhe. Respeite-o para socego de sua consciencia.

E assim dizendo, o religioso cobriu a cabeça com o capuz do habito, e afastou-se atravessando o templo.

— Vamos, — disse Rubens. — Sei o que me resta fazer.

— Mestre, — exclamou um dos discipulos que durante a anterior pratica estivera olhando ora para o religioso, ora para o quadro; — não julga que esse velho frade se parece muito com o mancebo que vemos moribundo no quadro?

— E é verdade! — proromperam todos.

— Tirem-lhe as rugas e as barbas brancas, sommem os trinta annos que manifesta a pintura, e resultará que o mestre tinha razão quando affirmou, que o religioso morto era ao mesmo tempo retrato e obra de um religioso vivo. Condemne-me Deus, se esse religioso vivo não é o padre prior.

III

Rubens, sombrio, envergonhado e profundamente enternecido, viu afastar-se o ancião, que o saudou cruzando os braços no peito antes de desapparecer.

— *É elle*... sim... — balbuciou o artista. — Vamos! — acrescentou, com emphase, voltando-se para os discipulos. Esse homem tinha razão. A gloria d'elle vale mais que a minha, porque não é ephemera e vã. Deixemol-o morrer em paz!

E dirigindo um ultimo olhar ao quadro que tanto o surprehendêra, saiu do convento e dirigiu-se ao paço, onde suas magestades catholicas, segundo o costume, como é notorio, honravam o famoso pintor recebendo-o á sua mesa.

Tres dias depois voltou em busca do quadro, com o intuito de tirar uma copia, mas já lá o não achou! Em compensação, viu que se estava celebrando uma missa de *requiem*.

Approximou-se para observar o semblante do defuncto, que estava de corpo presente no meio da egreja, e viu com admiração e sentimento que era o do padre prior.

— Grande pintor era! — disse Rubens. — E agora ainda tem maior parecença com o retrato, que o do quadro era, com effeito, d'elle. Esvaeceu-se mais uma esperança para mim; talvez que para elle fosse grande felicidade. Deixou de padecer.

O mundo é assim!

DE COMO SE FORMAM OS VOLCÕES

De todos os phenomenos da natureza, nenhum ha mais terrivel que os volcões; porque, rompendo o solo, vem sempre acompanhados de torrentes de materias igneas, que, arrojando-se muitas vezes a distancias consideraveis, sepultam povoações inteiras, requeimam e assolam os campos.

A historia dos volcões é pois uma das mais importantes paginas do grande livro da natureza, sobre tudo depois que a sciencia lhe arrancou os segredos desconhecidos aos nossos antepassados, permittindo Deus que o homem possa sondar as entranhas da terra, e estudar-lhe ahi a estructura por tantos seculos ignorada.

Para instrucção dos principiantes, e dos que não cursaram os estudos maiores, resumiremos aqui a historia da formação e erupção dos volcões, escripta por M. Jouanne.

A nossa gravura representa a cratéra do Etna tal como existe actualmente; e foi tirada á beira da mesma cratéra, no meio dos turbilhões de fumo e cinzas que vomita esta voragem infernal.

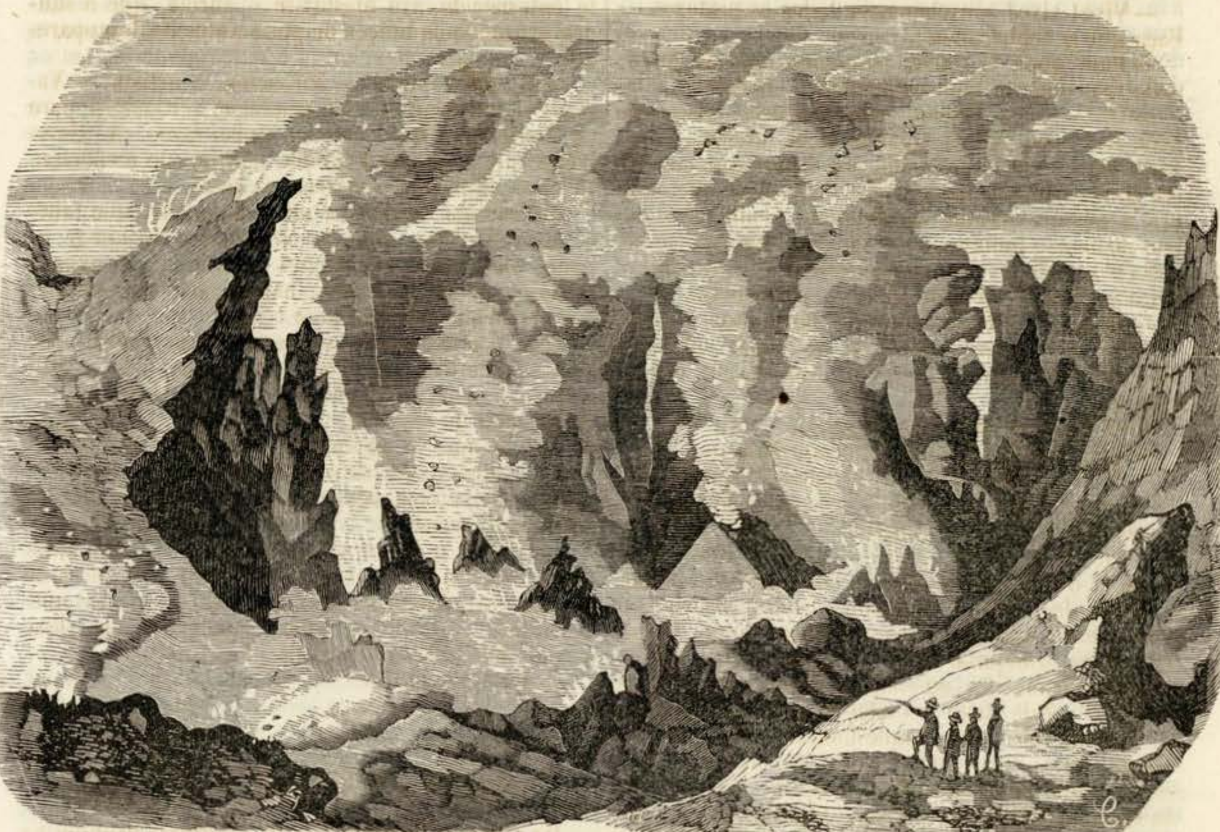
A formação da terra pelo resfriamento de um globo ardente lançado no espaço, como os outros planetas, é hoje admittida universalmente por todos

os sabios, e tambem demonstrada por factos authenticos.

Por tanto, nós andâmos sobre a crusta solidificada d'este globo de fogo, sobre esta camada que não é mais que uma pellicula em relação ás dimensões do nosso planeta; e esta crusta superficial, que tanto nos custa a romper para a exploração dos mineraes, cobre uma accumulação immensa de materias ainda inflammadas, cuja fervura permanente, assim como as suas fluctuações violentas, luctam constantemente contra as camadas que as comprimem, e se manifestam, de tempos a tempos, quebrando as partes mais fracas da pellicula terrestre, para respirarem com estrondo, e vomitar pela voragem aberta as torrentes inflammadas que já se não podem conter.

Quando a brecha está aberta, e a accumulação das lavas derretidas acha saída, restabelece-se a tranquillidade. Com razão disse M. de Humboldt, que os volcões eram as *valvulas de segurança* da natureza.

Ha tambem erupções quasi repentinas; por exemplo a da nossa ilha de S. Jorge, no archipelago dos Açores, em 1808. No meio de campos lavrados, a terra tufou de subito, e gretou rugindo espantosamente; depois formou-se uma vasta cratéra de 9 a 10 hectares de superficie no alto da corcova. A uma legoa de distancia abriu-se outra cratera, e ainda mais umas 12 a 15 menores appareceram no terreno gretado. A quantidade de escorias volcanicas e de pomes vomitados por este volcão, formou uma crusta de metro e meio de espessura, na extensão de quatro legoas de comprimento, e uma de largura. Durante tres semanas, as materias derretidas não



Vista da cratéra do Etna

cessaram de jorrar por todos os lados do monte, vomitadas pela erupção com os fragmentos das rochas que arrancou dos lados. E este parocismo continúa até que se restabeleça o equilibrio entre as forças expansivas que se desenvolvem interiormente, e as forças repressivas resultantes da cohesão das rochas sobrepostas, e tambem dos residuos accumulados no orificio da voragem.

D'este modo a erupção volcanica tem, em geral, começo, maximo de intensidade, decrescimento e fim.

Os phenomenos que acompanham as erupções são mui variaveis, não só de um volcão a outro, mas o mesmo volcão apresenta differentes phases. Ordinariamente, depois do tremor de terra que annuncia uma erupção proxima, turbilhões de fumo, de gaz e de vapor de agua, precedem o vómito das materias derretidas; depois os fragmentos de rocha, muitas vezes reduzidos a pó finissimo, a que se dá o nome de *cinzas volcanicas*, toldam os ares, e são levados pelo vento a distancias consideraveis.

Acontece tambem, como nos ultimos dias da erupção do Vesuvio em 1822, que as cinzas lançadas pelo volcão, misturadas com a chuva, e com a agua a ferver, formam um lodo que se derrama pelos flancos da montanha, endurecendo a ponto de fazer uma crusta que só a picareta se póde quebrar. Foi uma erupção d'esta natureza, uma lava de lodo (*lava di fango*, lhe chamam os italianos), que inundou Herculano ao pé do Vesuvio; e Pompeia, situada a pouca distancia da raiz da montanha, ficou sepultada debaixo de fragmentos de rocha, de cinzas volcanicas, e de pedras ardentes, denominadas *lapillo* e *pozzolana*, arrojadas pela cratéra do volcão.

Pedra solta, e ás vezes enorme, vem juntamente com os pedaços de rocha; pedras porosas, conhecidas pelo nome de pomes, se envolvem nos jorros que sobem a grande altura, allumiados pelo clarão das lavas ardentes, acompanhadas quasi sempre de horriveis estampidos. Estas materias, recaindo em volta da cratéra, fazem consideraveis depositos de *lavas, tufos volcanicos, e conglomerados de pomes.*

(Continúa)

OS PORTUGUEZES NA CHINA

(Vid. pag. 110)

«Este mandarim velho avisa os padres do modo com que hão de proceder e tratar, assim com o viso-rei como todos os demais, ensinando-lhes as cautelas que hão de ter com os chinas: este poz por sua mão em dois padrões grandes que estão em cima da egreja e casa uns letreiros; o que está em cima da casa diz assim: *Aqui moram os varões santos que vieram do Poente.* E o que está em cima da egreja diz: *Aqui se préga a lei verdadeira de Deus do ceo.* E como estes padrões são conhecidos por seus, todos os reverenciam como a coisa divina.

Trouxe Nosso Senhor a esta casa dos padres um letrado graduado em Pequim, o qual posto que ao principio viesse por cobiça, depois o deteve e detem a fé. Tinha o padre Rogerio feito um cathecismo em letras chinas, e querendo-o trasladar em boa linguagem de mandarim, se concertou com este china. Começando elle a trasladação, e indo penetrando o que lia, foi tanta a luz que Deus lhe communicou, que dava razões e conveniencias no mysterio da Santissima Trindade, e em outros de nossa santa fé, que nunca lêramos nem ouviramos, com o qual, e com uma profunda oração mental que tinha, e com ver a vida e profissão dos padres, se moveu a ser christão, desejando-o tanto, que com muitas lagrimas pedia o baptisassem. A este deu licença o Lancitão (que assim se chama aquelle grande mandarim nosso amigo) para que prégasse publicamente na egreja, e para que o podessem ouvir todos os que quizessem. E como elle é mui afervorado, mui habil e douto em suas letras, e de muita auctoridade, por ser (como temos dito) letrado de Pequim, accendia-se no pulpito como fogo, e movia os affectos grandemente, dizendo em altas vozes: «O chinas, cegos que tendes a luz e verdade em vossas casas, e não a conheceis!» E outras coisas que causavam espanto e maravilha, e concorria muita gente a ouvil-o. Vinham muitas mulheres com seus filhinhos nos braços, e diziam ao padre: «faze este menino christão.» E são muitos os meninos que lhes trazem para que os ensinem, mas os padres vão devagar, e com cautela em tudo, e procuram agora sómente dar noticia das coisas de Deus, até verem a materia disposta e bem fundada, posto que não deixam de baptisar alguns, quando concorrem muitas razões e causas para isso. Entre outros que receberam o baptismo, foi um mancebo de casa do viso-rei muito seu privado; este trazia uma imagem de Nossa Senhora ao pescoço, e ajudava os padres em seus negocios.

Muitos mandarins principaes tem dito aos padres, que como tiverem eschola lhe hão de mandar seus filhos, para que lh'os ensinem; e já podem ensinar as suas letras, e com ellas poderão os meninos ir aprendendo a lei de Deus. Acodem mui frequentemente á agua benta, porque dizem os chinas que tem tradição muito antiga, que passou por seus reinos um homem que dava agua santa com que fazia milagres, e dizem que a agua que dão os padres é esta. Em cima da nossa egreja está uma cruz de madeira; quando por ella passam a reverenciam dizendo uns aos outros: *D'alli nos veiu a salvação e todo o nosso bem.*»

Era tão grande o desejo que tinha de baptisar-se aquelle china prégador, que se lhe não póde negar; e para que se fizesse com mais solemnidade, rogou o padre Rogerio, quando veiu a Macau, ao padre Francisco Cabral, vice-provincial de Japão, o quizesse ir baptisar, porque trazia chapa do Lancitão, em que lhe dava licença para poder ir a Xauquim. Quando lh'a pediu foi com lhe dizer, que como eram religiosos, e tinham obediencia a outros seus superiores, em Macau estava um a que todos os d'aquellas partes obedeciam, o qual, segundo sua ordem e instituto, os havia de ir visitar para ver como estavam e procediam. Respondeu-lhe o Lancitão: «Olha, padre, ainda que tu no principio me disseste que vinhas aprender a lingua e costumes da China (e assim o tenho eu dito aos mandarins), bem sei que o teu desejo não é senão prégar a lei de Deus: muito me alegro com isso, nem tens necessidade de me pedir licença para fazeres christãos, porque eu t'a dou para que se baptise esse china que tens em tua casa, e todos os demais que quizerem; e para que venha o padre que dizes, e tambem para que imprimas a tua doutrina, e a divulgues pela China, porque já a tenho visto e mostrado a outros, e nos contenta muito, pois em nehuma coisa contradiz as nossas leis e governo.

Com esta licença se partiu o padre Francisco Cabral para Xauquim, e baptisou aquelle letrado, a quem depois os mandarins e outra gente davam os parabens do baptismo.

Acabou este china de traduzir o cathecismo, e *imprimiram-se mil e quinhentos volumes*, para espalhar e divulgar por toda a China. N'elle se declara tudo o que pertence á nossa santa fé, e se dá razão das coisas dos christãos, e trata do engano e falsidade dos idolos. Alguns *novecentos volumes* se terão já dado aos mandarins, que os vem pedir á nossa casa como coisa de grande ser e estima; e vieram tantos, porque, como n'esta cidade reside o tutão, vem-n'o visitar todos os mandarins de sua jurisdicção, que por esta via está já divulgada a nossa santa lei por esta terra.

Imprimiram-se á parte os dez mandamentos da lei de Deus, os quaes cantam os meninos pelas ruas; e é coisa para ver quanto quadram aos chinas estes dez mandamentos; e dizem que não póde ser coisa de homens, senão que vieram do ceo; principalmente o de honrar a Deus, ao pae e á mãe; não matar nem furtar.»

Este extracto é de uma carta do padre Antonio de Almeida, que acompanhou o jesuita Miguel Rogerio n'esta missão á China.

N'outra, tambem escripta por elle ao provincial da casa de S. Roque, se lêem as importantes informações que vamos extractar.

«Confesso a v. r., que começando esta, não pude ter as lagrimas, imaginando que me via já no meio da China, n'este novo mundo, pelo qual tanto suspirava o padre mestre Francisco. [1]

A 20 de novembro de 1585 partimos da cidade de Cantão, mettidos em uma embarcação de um parente do Lancitão, natural de Chiquiam, o qual parece nos deparou Nosso Senhor, para irmos seguros de muitos perigos que n'este caminho houveramos de ter, e elle mesmo se offereceu a levar-nos.

O padre mestre Francisco (Xavier) prometteu mil cruzados a um china, sómente por o lançar na praia de Cantão, e nem com isso o póde alcançar; agora vem-nos a rogar que entremos pela China dentro, e de graça nos levaram.

Em quanto residimos na provincia de Cantão, estivemos sempre escondidos, e depois caminhavamos de noite por um longo rio, e nunca saímos em terra até á cidade de Moilim, por isso não sei mais senão que viamos muitas cidades e logares grandes, e grandissimas serranias, por meio das quaes váe este fresco rio de agua doce estendendo seus braços para o commercio, e para seguro caminho de todas as partes.

Iamos tambem vendo mui frescos e accommodados logares e casas dedicadas ao culto do demonio; achavamos grande numero de embarcações, e diversos

[1] S. Francisco Xavier.

generos de aves de rio; viamos andar bandos de veados por esses mattos, até que sabbado, o primeiro do advento, e setimo de dezembro, chegámos á cidade de Moilim, onde se acaba este rio, o qual, a logares, com grande corrente, nos fazia andar devagar á sirga e vara. N'esta cidade houveramos de ter algum trabalho, porque ao entrar tem uma ponte com duas cadeias de ferro, e não se abre sem ordem e licença do mandarim que d'ella tem cuidado; mas por este nosso companheiro ser parente do Lancitão, logo entrou a nossa embarcação com bem de trabalho, pela grande multidão d'ellas que, junto d'esta ponte, estão esperando despacho. Desembarcámos á porta d'onde haviamos de pousar, fizeram-nos muito gasalhado em respeito ao companheiro. Ao domingo e segunda feira dissemos missa, á terça pela manhã nos partimos para uma cidade oito legoas d'esta, onde nos apparelhámos para navegar em outro rio. Todas estas oito legoas é o caminho calçado, e se passa uma alta serra, no cume da qual está uma porta com letreiros, que parece dizerem quem fez aquelle difficultoso caminho tão facil de andar. O dia foi de muita chuva e frio, e aqui se começa a entrar como na serra da Estrella em Portugal.

Era muita a gente que de contínuo achavamos, e não vi nunca caminho tão frequentado, nem ainda em grandes feiras, porque todas as mercadorias de Nanquim, e de todas estas partes aqui vem parar, e em ambas estas cidades, que terminam este caminho, ha respondentes; e não fez o nosso companheiro mais que entregar ao hospede a fazenda que trazia, e o fato, e todas as miudezas (que na viagem serviam) com uns escriptos, e sem mais trabalho achámos tudo na outra cidade onde nos agasalhámos. Estes mesmos respondentes tem cuidado de buscar cavallos e cadeiras em que se caminha. O padre, eu e o velho Jerubaca [1] fomos em cadeiras, e sómente os moços a cavallo: são umas cadeiras leves, vão dois homens correndo com uma, aqui levam tambem os passageiros suas camas atadas; e posto que choveu muito, não nos molhámos, porque levavamos nas mãos uns sombreiros. No meio do caminho mudámos as cadeiras com outras que trazia outra gente; estes já sabem a que casa nos hão de levar, e não se lhes paga senão um conderim para beber, e tudo se paga ao hospede depois do fato todo entregue. Parece-me que cada uma d'estas cadeiras não custa mais que uma cavalgadura. Em todas estas oito legoas ha frequentes hostarias para se poder comer. Á tarde chegamos á cidade de Taquem, onde estivemos quarta e quinta feira, nos quaes dias foi tanta a gente que corria a visitar-nos, que nos não podiamos valer, e por fugir a este concurso nos embarcámos á sexta-feira: sabbado começámos a caminhar pelo rio abaixo: fretou nosso companheiro tres embarcações, as quaes nos levaram quinze dias por este rio: e posto que o padre Rogerio e eu iamos em uma só, com algum fato do companheiro, sempre iamos juntos, deixando a uma e outra parte do rio grandes e frescos logares e cidades, todas cercadas, e não menores que a de Cantão.

Ia eu notando quão facilmente se podéra menear esta empresa, e as residencias e collegios que na China houver (se Deus for servido), serem visitados com pouco trabalho, pela quietação com que se caminha n'estas embarcações, nas quaes póde o homem estudar, orar, e fazer tudo o mais que cumprir, pois perigos da vida em todos os rios nenhum ha.

Aos 17 de dezembro chegámos a uma grande e populosa cidade, maior que a de Cantão, aonde reside o tutão d'esta provincia de Chiamsi. Está esta cidade dividida em tres partes, toda muito bem murada, o rio por onde fomos passa por o meio d'ella; servem-se por uma ponte comprida fundada sobre embarcações, e serve tambem de boa guarda para os direitos que aqui se pagam das fazendas que passam.

Esta ponte se nos abriu logo, pelo respeito de nosso companheiro, a que não levavam direitos, por ser parente do Lancitão, nem vieram buscar a fazenda que levava. Nós estavamos algum tanto receosos de se saber de nós, e de querer o mandarim examinar a nossa ida; mas passada a provincia de Cantão não tem a China aquelles assombramentos de estrangeiros, antes todos nos tratam com muito mais reverencia que em Xauquim. Passada esta ponte, meia legoa adiante, se ajunta a este outro formoso rio, o qual cérca a cidade da outra banda; logo se segue uma grande povoação no meio do caminho de Nanquim, muito barata e temperada dos ares. Aqui brevemente nos provemos do necessario, e continuámos nosso caminho por este aprazivel rio abaixo, o qual com sua corrente nos ajudou a levar d'aqui cinco ou seis jornadas, vendo ao longo d'elle muita frescura de arvoredos, e grandes feiras de lenha, bem necessarias para o frio que adiante se segue.

Assim fomos nosso caminho passando por algumas sete ou oito cidades de grande apparato, até que, vespera de Natal, deitámos ancora perto da grande cidade de Chiamsi, que é a maior d'esta provincia. Aqui passámos aquelle devoto tempo da meia noite; mas o Menino Jesus, como é amigo de trabalhos, permittiu se levantasse um tal norte, que nos fez estar alli todo o dia de Natal, sem termos nem agua para beber, por se turbar muito o rio. Com a occasião d'este vento vimos passar grande multidão de embarcações pelo rio acima. No dia seguinte, a remos, chegámos á cidade, e posto que na China não ha a soberba de edificios da Europa, quanto ao sitio, muito maior parecia esta cidade que a de Lisboa. Abaixo d'ella, jornada de um dia, fomos dar no caminho que vae para Nanquim em uma formosa encruzilhada de rios, e coisa é de espanto ver como a natureza andou fazendo d'estes rios tão formosas estradas, e tão accommodadas para o commercio d'esta China, porque, por menos do que custa uma cavalgadura de Coimbra até Lisboa, se freta uma embarcação para vinte e trinta dias de caminho, na qual podem dois padres ir com seus moços e todo o fato, como em uma casa. Deixando o caminho de Nanquim, que vae direito ao norte, tomámos para lesnordeste, e começámos a ir contra agua, mas o vento nos ficou ajudando muito, e em espaço de quinze ou vinte legoas fomos dar em umas campinas, e com a cidade d'onde se enche a India e Portugal de porcelanas. Estes dois ou tres dias passámos por entre grandes frescuras, e descobrimos tres ou quatro cidades. O frio ia cada dia crescendo mais, até que amanhecemos cobertos de neve.

A 3 de janeiro, mudando o fato de nosso companheiro (que era muito) em embarcações pequenas, caminhámos dois dias, e passámos por uma grande cidade, a qual tem uma ponte fundada sobre barcas todas pintadas de vermelho, que poderiam ser quarenta ou cincoenta. Esta ponte se nos abriu logo, e aos 5 de janeiro chegámos á cidade de Goulim, aonde se terminava nosso caminho por este rio. Estivemos n'esta cidade tres dias, nos quaes dissemos missa. O concurso da gente que nos vinha ver era grande. Aqui nos convidou um devoto dos pagodes que fazia em sua casa festa: fomos lá. Tinha grandes altares, e muitos padres que estavam rezando e fazendo suas ceremonias; agasalhou-nos com grande amor, comemos com os padres, que tambem nos mostraram particular gasalhado, deixámos-lhes um livro de orações, e elles todos facilmente se convencem. Aqui vi como o demonio contrafaz as ceremonias santas da egreja catholica. D'esta cidade nos parti-

[1] O parente do Lancitão.

mos por terra em cadeiras, como a primeira vez, seis ou sete legoas de caminho muito fresco e bom: entrámos na provincia de Chiquiam á tarde, e apresentámos-nos na cidade de Chiuxão, onde fomos bem agasalhados. Ao terceiro dia, depois de ter aqui chegado, não podiamos viver com o concurso da gente que vinha a ver-nos.

Aos 13 nos embarcámos em um rio que começa d'esta cidade tres ou quatro dias de caminho, e tem pouca agua; caminhámos até aos 17 de janeiro, e passámos por junto d'algumas oito ou nove cidades. Achámos grande multidão de laranjas, e grandes serras todas cobertas de neve, por entre as quaes váe este rio, já tão grande como o de Cantão, fazendo seu caminho todo em voltas, mas com pouca corrente. Estas serras servem de defensivo contra o frio, com muita lenha que por este rio abaixo vem. Aos 22 passámos por uma famosa cidade maior que a de Cantão vez e meia, segundo dizem, da qual, por causa de um nevoeiro e neve, não vimos mais que umas torres muito altas: á tarde chegámos a uma povoação aonde passámos todo o fato das embarcações em que iamos a outras que estavam d'ahi um tiro de bésta, em um esteiro de outro rio: quando veiu pela manhã nos achámos á porta d'esta casa, onde agora estamos; toda a noite caminhámos á sirga com lanterna, nevando sempre. Eis aqui o remate de nosso caminho, o qual começámos a 20 de novembro de 1585, e acabámos a 23 de janeiro de 86.»

(Continúa)



Barco de regalo na Birmania

A pag. 8 d'este vol. publicámos duas gravuras dos instrumentos harmonicos de que usam os birmás, copiados da recente viagem de H. Yule. D'esta curiosissima relação é tambem a estampa junta, de um ligeiro barco de regalo que elles armam para andar á véla e de remo, nas suas viagens de recreio.

É mui elegante a fórma d'estes barcos, e alguns artisticamente lavrados com pompa. Por isto nos parece que não é obra do paiz, mas da China, com a qual os birmás estão sempre em communicação.

O auctor anonymo da «Conquista do reino do Pegú pelos portuguezes», tambem pertencente á Birmania, julga-os n'estes termos:

«Usam os pegús pouco as artes mechanicas, e assim os pannos que vestem são trazidos da costa de Coromandel e outras partes; os nobres usam de cabaias de linho e seda, vestidos compridos e pomposos; e os plebeus como alcança a sua possibilidade: carecem tambem de sal, e uma e outra coisa lhes dão, e podem impedir os portuguezes, com o que, e com o estado presente d'aquelle reino, será facil trazel-os á sua obediencia. Outra particularidade tem, que será parte principal de virem ao conhecimento de nossa santa fé aquellas dilatadissimas regiões, differente dos que habitam na India entre o Ganges, os quaes são muito supersticiosos em comer e tratar com estranhos; tem por immundas as outras nações; nem comem com outrem que não seja do seu sangue, com tanta superstição, que o sapateiro não entra em casa dos bracmenes (que são os sacerdotes), nem os filhos do alfaiate casam com os do ourives, e d'este modo se conservam sem se misturarem uns com os outros, o que grandemente difficulta o negocio da conversação. Pelo contrario, os pegús comem carne de vacca, que é abominavel a quasi toda a gente da India, bebem vinho, e usam tudo sem escrupulo algum, julgando-se por honrados da nossa conversação.

Os naturaes, pela maior parte, são baços, ainda que ha alguns mais brancos, especialmente mulheres nobres e regaladas. São por extremo viciosos, causa principal de seu pouco valor e pusillanimidade em actos de guerra, para os quaes são quasi inuteis; d'onde se colhe que mais com a multidão do que com a fortaleza e valor dilataram tanto o seu imperio. Verdade é que se servem os principes do Oriente de estrangeiros, avaliados pela principal força de seus exercitos.

Em Pegú ha muito oiro, prata e outros metaes, e os levam para muitas partes, de minas riquissimas de oiro que abrem sete legoas acima da cidade de Pegú junto ao rio de Sartão, no qual, e no de Sirião, acham entre as areias alguns de subidos quilates, fóra muito que trazem do reino de Jangomá, Avá e outros de bramás e láos, que confinam com o Pegú. Tem rubins em abundancia, e excellentes em grandeza e qualidade; assim como outra pedraria, diamantes e safiras, etc.; e muitos generos que concorrem aos sobreditos portos, escalas mais visinhas da India que os da parte de Hudia e Camboja. Abunda tambem de lacre, mercadoria de grande importancia, e se carrega em seus portos muito beijoim.

Era (se queremos dar a primazia ao rei da China) o de Pegú segundo no povo e riquezas do Oriente.

Como já dissemos em artigo especial, [1] um dos nossos capitães da India, Salvador Ribeiro de Sousa, foi rei de Pegú, acclamado espontaneamente pelos peguanos.

A este nosso heroe fez o Pindaro portuguez, Antonio Diniz, uma excellente ode, que anda no tom. v. das suas obras.

ERRATA

A explicação do enigma do n. 12 é a que se segue, e não a que saíu truncada.

Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores.

Camões.

[1] A pag. 62 d'este vol.